



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III**

**CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

PRISCILA SOARES DA SILVA

**O IMPACTO DA RAIVA NA VIDA DE
MULHERES NEGRAS**

**GUARABIRA – PB
2022**

PRISCILA SOARES DA SILVA

**O IMPACTO DA RAIVA NA VIDA DE MULHERES
NEGRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Área de concentração: História e estudos culturais: etnia, raça, gênero e sensibilidade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Susel Oliveira
da Rosa

**GUARABIRA - PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586i Silva, Priscila Soares da.
O impacto da raiva na vida de mulheres negras
[manuscrito] / Priscila Soares da Silva. - 2022.
16 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa ,
Coordenação do Curso de História - CH."

1. Experiência de vida. 2. Racismo. 3. Discriminação . 4.
Experiência de vida . I. Título

21. ed. CDD 326

PRISCILA SOARES DA SILVA

O IMPACTO DA RAIVA NA VIDA DE MULHERES NEGRAS

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em História.

Área de concentração: História e estudos culturais: etnia, crença, gênero e sensibilidade.

Aprovada em: 23/03/2022

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Joedna Reis de Meneses
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Dayane Nascimento Sobreira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico aos meus pais,
Por todo apoio e incentivo que me
deram.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	6
2.	ESCREVER SOBRE VIVÊNCIAS E OPRESSÕES	7
3.	A MULHER NEGRA E RAIVA.....	8
4.	O SILÊNCIO COMO DEFESA.....	11
5.	EMPODERAMENTO.....	13
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	13
	REFERÊNCIAS.....	14

**O IMPACTO DA RAIVA NA VIDA DE MULHERES NEGRAS.
THE IMPACT OF ANGER ON THE LIVES OF BLACK WOMEN.**

Priscila Soares da Silva¹

RESUMO

Nesse artigo, assumo uma abordagem vinculada ao sentimento da raiva, do trauma e da angústia trazidas por episódios racistas, visando analisar a natureza e os efeitos das injúrias raciais vivenciadas e narradas a mim, pela minha mãe. Particularmente, argumentarei a partir de análise de casos simbólicos como os episódios narrados por Grada Kilomba (2019), Audre Lorde (2019) e Susel Rosa (2019). Em diálogo também com Silvio Almeida (2019), Joice berth (2019) e Léila Gonzalez (1984). As autoras mostram que as emoções mais comuns despertadas em contextos de ofensa racial são a raiva, a tristeza e o trauma.

Palavras-chave: Racismo. Discriminação. Experiência de vida.

ABSTRACT

In this article, I take an approach linked to the feeling of anger, trauma and anguish brought about by racist episodes, aiming to analyze the nature and effects of racial injuries experienced and narrated to me by my mother. Particularly, I will argue from the analysis of symbolic cases such as the episodes narrated by Grada Kilomba (2019), Audre Lorde (2019) and Susel Rosa (2019). Also in dialogue with Silvio Almeida (2019), Joice berth (2019) and Léila Gonzalez (1984). The authors show that the most common emotions aroused in contexts of racial offense are anger, sadness and trauma.

Keywords: Racism. Discrimination. Life experience.

¹ Graduanda do curso em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: soarespriscila64@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Olhares desconfiados, frases negativas, perseguições, ameaças e exclusão são algumas das situações racistas que as pessoas negras enfrentam em uma sociedade como a nossa, composta pelo racismo institucional e estrutural (ALMEIDA, 2019). O racismo é composto de barreiras que limitam as pessoas de desfrutarem da dignidade e igualdade por causa de sua raça e isso acaba afetando diretamente a saúde mental, a rotina e o comportamento das pessoas negras. Com base nas formulações de Grada Kilomba (2019) - em "Memórias da Plantação" - sobre o lugar das mulheres negras em sociedades como a nossa, e nas formulações de Audre Lorde (2019) - no ensaio em "Os usos da raiva" - sobre como é possível reagir à raiva da discriminação, que escreverei sobre as experiências de racismo vividas e narradas a mim, por minha mãe.

O racismo é baseado na opressão de pessoas negras, com base em uma hierarquia racial socialmente construída, que para Grada Kilomba (2019) se agrava ainda mais quando se trata da mulher negra, pois como a autora mostra é o "Outro do Outro". Segundo Grada Kilomba, a mulher negra encontra-se numa situação de carência dupla, pois não é branca e nem homem. Kilomba nos mostra a posição da mulher negra. No topo da pirâmide está homem branco, logo abaixo a mulher branca, mais abaixo o homem negro e, na base da pirâmide, se encontra a mulher negra (KILOMBA, 2019, p. 101).

Pensando através dessa pirâmide, podemos perceber que embora a mulher branca e o homem negro, mesmo que sejam caracterizados como o "Outro", possuem privilégios por ser homem, mesmo que negro, e ser branca, mesmo que seja mulher". E isso não acontece com a mulher negra, que é duplamente subjugada, podendo ser considerada, por isso, como o "Outro do Outro", mulher e negra.

Memórias da plantação é resultado da pesquisa de doutorado de Grada Kilomba, no qual a autora apresenta uma postura política e biográfica, em que parte da necessidade de ser, de existir e tornar-se sujeita à medida que narra a si mesma suas próprias experiências. Kilomba enfatiza que é urgente descolonizar o pensamento, em face disso realiza uma reflexão teórica com base em autores como Frantz Fanon (2008), nos quais analisa a história colonial e o legado de injustiças sociais. A sua pesquisa analisa as narrativas autobiográficas de mulheres negras moradoras de Berlim.

Questionando o silêncio impositivo e o racismo vivido nos dias atuais, Kilomba enfatiza inúmeros exemplos para ilustrar as opressões sobre as mulheres negras, defende que a primeira opressão é de raça, e por isso, não se pode falar de gênero sem falar de raça quando se quer combater o racismo. "Memórias da Plantação" é um livro que mostra que o passado colonial ainda não foi superado".

Já *Os usos da raiva* foi uma palestra que Audre Lorde apresentou na 3ª Conferência Nacional da Associação Nacional de Estudos das Mulheres, realizada em 1981, nos Estados Unidos. Em *Os usos da raiva*, Audre Lorde nos apresenta algumas reflexões sobre a capacidade da raiva de ser canalizada e transformada em força de resistência e luta, tanto no cotidiano das mulheres negras quanto no ativismo feminista. Lorde acredita que articular raça, gênero e sexualidade são um caminho para emancipação de todas as mulheres, por meio do uso da raiva como fonte de empoderamento.

Assim como Kilomba, Lorde conta sua trajetória de vida, e também como

escritora, suas dificuldades na academia. Ambas mostram como a escrita, sobretudo para autores negros, é uma maneira de sobreviver, uma reconstrução da própria identidade. Além disso, Lorde ressalta a importância de se ler e estudar pensadoras negras, quebrando com padrões branco-eurocentrados da produção de conhecimento. Deve-se pensar na visibilização de perspectivas que não deveriam estar no lugar de outras, e sim incluídas, como também no fato de que essas perspectivas partem de um lugar de dor silenciada, uma violência perpetuada pelo apagamento de suas histórias e da negação do reconhecimento como “pessoas inteiras” (LORDE, 2020, p. 146).

Além de Grada Kilomba e Audre Lorde, para escrever este artigo me inspiro no artigo “Não deixem a tinta coagular em suas canetas: por uma escrita orgânica”, no qual Susel da Rosa (2019) traz a história da sua mãe e de Dona Leonor. Em muitos momentos ela descreve episódios ocorridos com sua mãe que foram muito parecidos com os quais minha mãe passou. “Lembro-me de ouvir de minha mãe, desde muito cedo, o quanto ela gostaria que sua pele fosse mais clara, como a minha. Lembro de um gesto que ela fazia algumas vezes, ao me dizer isso, como que esfregando a pele de seu próprio braço” (ROSA, 2019, p. 237).

No artigo, a autora remonta o conceito de escrevivência de Conceição Evaristo, que significa permitir a reescritura da própria história brasileira a partir das vozes de pessoas negras: “Penso que a “escrita orgânica” de Anzaldúa se encontra perfeitamente com a noção de “escrevivências” de Conceição Evaristo”. Entendo-as como uma escrita que privilegia a experiência” (ROSA, 2019, p. 224). Para Rosa, fortalecer a experiência é também buscar a episteme, os textos, os escritos – e as “escrevivências” - das trajetórias das mulheres negras, mestiças e tantas outras.

A escolha desse tema tem a ver com a necessidade de escrever sobre trajetórias de mulheres negras, e contribuir para uma consciência educativa onde me coloco como participante da construção dessa narrativa, dada a necessidade de as mulheres negras ocuparem seu papel protagonista na luta contra o racismo, o sexismo e a exclusão social.

2. ESCREVER SOBRE VIVÊNCIAS E OPRESSÕES

“A passagem de objeto a sujeito é o que marca a escrita como ato político” (GRADA KILOMBA, 2019, p.28). Para Kilomba, escrever é uma prática política, “a autora e a autoridade na minha própria história” (2019, p. 28). Ao longo dos capítulos, Grada Kilomba fala sobre a necessidade do sujeito negro se libertar dos aprisionamentos da ordem colonial. Conhecer as formas como o racismo se estrutura na sociedade, como uma forma de construir ações práticas emancipatórias. Grada ainda argumenta que é preciso dar voz a todos os sujeitos, dar o direito de falar, de narrar, e de ser autor da própria história.

A autora, então, convida-nos à desalienação, ao conhecimento, à escrever nossa história, como protagonistas. Não negando o passado, mas não permitindo que haja qualquer tipo de reconciliação com práticas de dominação, subordinação e silenciamento colonial. Escrever é um ato político, pois “as palavras impressas não podem ser apagadas e nem silenciadas” (KILOMBA, 2019, p. 204).

Assim como Kilomba, Lorde traz em seus textos muito da sua vivência, das suas experiências pessoais, Lorde nos fala sobre o sentimento da raiva como um instrumento de transformação da realidade, onde devemos fazer das nossas experiências traumáticas ações que nos favoreçam e transformam a dor em luta.

Toda mulher tem um arsenal de raiva bem abastecido que pode ser muito útil contra as opressões, pessoais e institucionais, que são a origem dessa raiva. Usada com precisão, ela pode se tornar uma poderosa fonte de energia a serviço do progresso e da mudança. (LORDE, 2019, p. 161)

Além de Lorde usar a poesia como instrumento de luta, de sobrevivência, ela nos convida a escrever sobre nossas experiências. Tanto a obra de Grada Kilomba quanto os ensaios de Audre Lorde, nos provocam a questionar qual nosso lugar nas relações raciais, nos convidam a pensar em toda uma estrutura que oprime mulheres negras, e como é importante que a luta antirracista esteja presente no cotidiano, refletindo sobre os efeitos do colonialismo, que persistem em fazer com que não nos enxerguem - pessoas negras - como seres humanos. “Somos mulheres negras nascidas em uma sociedade de arraigada repugnância de desprezo por tudo que é negro e vem das mulheres”(LORDE, 2019, p. 19).

Lorde, Kilomba e Rosa me convidaram a escrever, como forma de romper todo silenciamento que o racismo trouxe à minha mãe. “Essa responsabilidade de criar novas configurações de poder e de conhecimento é nossa, é toda nossa. Especialmente num país em que a negação ainda se faz muito presente e os caminhos do reconhecimento e, especialmente, da reparação, são ainda incipientes” (ROSA, 2019, p. 241). Entendo a complexidade dessa temática e a responsabilidade na luta contra o racismo e sexismo, a importância de se abrir espaços de diálogo para contribuir com o processo de desconstrução do racismo.

3. A MULHER NEGRA E RAIVA

Tenho na minha convivência relatos de diversos modos de opressões, que acabaram atingindo diretamente o psicológico da minha mãe. Durante muito tempo não entendia o porquê minha mãe tinha tanta raiva da sua cor e detestava seu cabelo, sempre com comentários machistas e racistas. E me questionava: como pode uma mulher negra que sofreu tanto com racismo ter esse tipo de pensamento? A resposta estava no meu questionamento. Minha mãe, assim como minhas tias, sofreu tanto por causa da cor de sua pele que acabou criando trauma, raiva de sua cor, de seu cabelo.

Grada Kilomba mostra como o trauma de pessoas negras provém não apenas de eventos de base familiar, como a psicanálise argumenta, mas, sim, do traumatizante contato com a violenta barbaridade do mundo *branco*, ou seja, com a irracionalidade do racismo que nos coloca sempre como o “Outro”, como diferentes, como incompatíveis, como conflitantes, como estranhos/as. (KILOMBA, 2019, p. 40)

Minha mãe foi odiada por vizinhos, por alguns parentes, por ela mesma. Na escola a professora tinha repulsa, lhe tirava sangue com suas unhas quando ela ia reclamar que estava sofrendo chacota das colegas de classe: volte pra sua cadeira, você que é ruim e gosta de confusão - dizia-lhe a professora apertando-lhe o braço com suas unhas afiadas, semelhante ao que Audre Lorde narra sobre como era vista por sua mãe, em relação às suas irmãs:

‘Sempre tive ciúmes das minhas irmãs, porque minha mãe as considerava boas, enquanto eu era a má, sempre arrumando problemas, “ tem o diabo no corpo”, ela costumava dizer. Elas eram arrumadas; eu, desleixada. Elas eram quietas; eu, barulhenta... Elas eram bonitas, eu era escura. Má, levada e desordeira de nascença, se é que existe alguém assim. Será que

má significa ser negra? (LORDE, 2019, p. 191).

A discriminação sofrida estava sempre associada a apelidos, piadas e brincadeiras racistas que estavam presentes na escola. Não só no contexto escolar, mas também na rua, “nega preta”, “nega sarará”, “essa negrinha é ruim igual ao cabelo”, “encrenqueira””. Enquanto criança, minha mãe não entendia, porque eram as colegas que faziam chacota com ela e mesmo assim, era ela que era a ruim, a encrenqueira.

“As crianças consideram somente a si mesmas como a razão do que acontece em suas vidas, então é claro que, na minha infância, conclui que devia ter algo muito errado comigo, para inspirar tanto desprezo”. (LORDE, 2019, p. 187) Nesta afirmação, Lorde descreve um sentimento muito parecido ao qual minha mãe sempre fez referência, o sentimento de que ela não deveria estar ali, não deveria estar existindo.

Hoje, não sabe ler nem escrever, ela não devia estar na escola, porque ela só ia pra brigar, como afirmava a professora. O que nos chama a atenção, apesar disto ter ocorrido anos atrás, é que ainda hoje essa questão racial é pouco desenvolvida em sala de aula. Muitas vezes, no espaço escolar, faltam referências à valorização dos negros. Há quatro anos faço parte do quadro de funcionários de uma escola pública da minha cidade e percebo que poucos professores trabalham o tema. Muitos nem percebem as manifestações racistas no ambiente. Não questionam os alunos quando colocam apelido no colega por causa da sua cor ou cabelo: quando chamam atenção é sem argumentação efetiva que explique sobre racismo, preconceito ou discriminação.

Dia 20 de novembro, dia da Consciência Negra, data em que geralmente é discutido o tema na disciplina de história, aproveito para sugerir a abordagem da temática em sala de aula, e cito a disciplina de história não como uma tentativa de responsabilizá-la unicamente por este papel, apesar da lei 10639/2003 citar apenas, história, educação artística, e literatura. Falo da falta de investimento/interesse de trabalhar essa temática de modo geral, num contexto do espaço escolar. Tentar provocar nos alunos o desejo de conhecer, discutir sobre o tema, apresentando aos discentes, palestras, debates, filmes, documentários, roda de conversas que pudessem mostrar o que significam essas manifestações racistas.

Acredito que a educação é o caminho, e não é uma tarefa fácil desconstruir anos de inferiorização do povo negro. A escola foi um dos espaços onde a minha mãe mais sofreu discriminação, onde se sentia a estranha, a diferente, culpada. Culpada por ter nascido naquela família pobre, com aquela cor de pele, com aquele cabelo, culpada por despertar tanta raiva nos outros. O racismo a fazia ter medo de ir para a escola, um espaço onde foi diariamente ofendida, chamada dos termos mais dolorosos que uma criança poderia escutar.

Tinha raiva da chacota que faziam de seu cabelo crespo no parquinho da cidade; cresceu ouvindo que seu cabelo era “ruim” ou “buchá”, que seu cabelo era feio. Minha mãe costuma dizer que por muito tempo não teve nome, e que hoje prefere que a chamem pelo nome. Relata que em sua infância sempre a chamavam como: “a negrinha de Zé Gomes” (meu avô, pai de minha mãe). E isso a incomodava. Experiência Semelhante ocorrida com a mãe de Susel: “Lembro também de ouvir minhas tias – as irmãs de minha mãe - se referirem a ela como “a negra”, “aquela negra”, “lá vem à negra Enar””. Algumas vezes em tom agressivo, outras em tom condescendente”. (ROSA, 2019, p. 237).

Questões que além de ferir a autoestima, trazem também um sofrimento em

buscarmos nos enquadrar num padrão aceitável. Esta situação de discriminações se agravou, quando adulta casou com meu pai, que é um homem de pele clara, semelhante narrada por Susel Rosa:

Lembro também quando me contou que a família de meu pai, especialmente minha avó paterna, rejeitou o casamento do filho com “uma negra”. Minha mãe só teve direito a entrar na casa da sogra depois que seus filhos nasceram. Meu irmão e eu, nascidos da “negra”, foram o passaporte para a presença dela naquela família. (Rosa, 2019, p. 238)

A família do meu pai também não aceitava minha mãe, todos que até então entraram para a família dele, eram pessoas de pele clara. Meu avô chegou a ameaçá-la de morte. Com o tempo acabou expulsando meu pai de casa que insistia em não se separar da “macaca” (minha mãe), assim como ele - meu avô paterno - a chamava. Segundo as percepções de Grada Kilomba, o sujeito negro é visto como o outro de varias formas: através da *infantilização, primitivização, incivilização, animalização, e erotização*.

No capítulo “política do cabelo”, Kilomba lembra uma longa história do discurso colonial, na qual pessoas negras eram metaforicamente representadas como macacos e como essa metáfora se tornou efetivamente real, não por ser biológico, mas discursivo, pelo efeito de repetição: “O racismo não é biológico, mas discursivo. Ele funciona através de um regime de imagens que por associação se tornam equivalentes: africano-africa-selva-selvagem-primitivo-inferior-animal-macaco.” (KILOMBA, 2019, p. 130).

Minha mãe foi desumanizada pela via da animalização, vista e descrita como animal, tendo sua humanidade negada. Essa situação chegou a se estender por muitos anos. O que acabava nos afastando da família do meu pai. Já ouvi varias vezes a irmã do meu pai dizer que não gosta de negro, que detestava gente negra. É um sentimento triste porque ela não sabe explicar o porquê não gosta de pessoas negras, apenas não gosta! É um sentimento que impede de ver a humanidade no outro, de não suportar o diferente, um sentimento que oprime.

Diante dessa situação, durante muito tempo minha mãe esteve tomada pela revolta, angústia e raiva. De cara fechada, agressiva, estava sempre pronta para uma confusão. Esse estereótipo da negra raivosa é usado contra mulheres negras que se atrevem a questionar injustiças.

No artigo “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, Lélia Gonzalez (1984) faz uma reflexão da figura da mulata, da doméstica e da figura da mãe preta. Ela usa essas noções para compreender e responder como a mulher negra é situada no discurso de identificação do dominado com o dominador e como o mito da democracia racial teve tanta aceitação, divulgação e o que ele oculta. Gonzalez (1984) afirma que a voz negra, a voz do povo negro, da mulher negra é o risco que se assume, o ato de falar com todas as implicações que isso traz: “exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos)” (Gonzales, 1984, p.225). Gonzalez faz essa afirmação devido à noção de infantilização e incapacidade que se constrói acerca dos negros e negras, a exemplo dos espaços de produção do conhecimento:

“Foi então que uns brancos muito legais convidaram a gente prá uma festa deles, dizendo que era prá gente também”. Negócio de livro sobre a gente, a gente foi muito bem recebido e tratado com toda consideração.

Chamaram até prá sentar-se à mesa onde eles tavam sentados, fazendo discurso bonito, dizendo que a gente era oprimido, discriminado, explorado. E era discurso e mais discurso, tudo com muito aplauso. Foi aí que a neguinha que tava sentada com a gente, deu uma de atrevida. Tinham chamado ela prá responder uma pergunta. Ela se levantou, foi lá na mesa prá falar no microfone e começou a reclamar por causa de certas coisas que tavam acontecendo na festa. Tava armada a quizumba Agora, aqui prá nós, quem teve a culpa? Aquela neguinha atrevida, ora. Se não tivesse dado com a língua nos dentes Agora tá queimada entre os brancos. Malham ela até hoje. Também quem mandou não saber se comportar? Não é a toa que eles vivem dizendo que “preto quando não caga na entrada, caga na saída.” (GONZALEZ, 1984, p. 223).

Gonzalez ironiza o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Onde a “negrinha atrevida” questionou o que os brancos estavam falando dos negros para os negros. Gonzalez acredita que só é possível compreender e identificar essa ação do dominado com o dominador se conseguimos entender o racismo enquanto a neurose cultural, que produz efeitos violentos sobre a mulher negra, em especial. O estereótipo da negra raivosa, da negra que reage que questiona, se reconfigura para produzir controle social, e anular o fato de que as próprias mulheres negras são responsáveis por ocupar o seu lugar no mundo.

4. O SILÊNCIO COMO DEFESA

- “Minha resposta ao racismo é raiva. Eu vivi com raiva, a ignorando, me alimentando dela, aprendendo a usá-la antes de ela destruir minhas visões, durante a maior parte da minha vida. Uma vez respondi em silêncio, com medo do peso. Meu medo da raiva me ensinou nada. Seu medo da raiva irá te ensinar nada, também.” (LORDE, 2019, p. 157).

Na afirmação de Audre Lorde, percebemos a questão do medo sobre como expressar essa raiva. Mas a raiva fazia com que minha mãe perdesse o medo, e perdendo o medo, ela reagia de forma violenta. Essa sempre foi a forma que a minha mãe encontrou de encarar a discriminação. Filha de um homem simples, mas que sempre deixou a lição que se sofresse injúria ou qualquer tipo de violência na rua e não reagisse, quando chegasse a casa iria apanhar para aprender a reagir. Esse foi o caminho encontrado por ela para combater o racismo, reagir com violência, o que deixava minha mãe mais angustiada porque ela não queria revolta e destruição, ela só queria sobreviver, só queria poder frequentar lugares sem ser constrangida ou expulsa.

Antes, quem só aprendeu a reagir com violência, hoje reage com o silêncio. Há de se respeitar o direito ao silêncio, tanto do choro engolido ao fardo de precisar compartilhar essas experiências com as filhas. Por muito tempo, minha mãe expressou a raiva através da violência, não conseguindo expressar sua raiva de forma construtiva, como apresenta Audre Lorde. Reviver processos traumáticos é complicado e dolorido. A mesma situação que minha mãe passou na infância voltou a se repetir na fase adulta, meu avô acabou “aceitando” o casamento. Mas tinha uma coisa que voltou a incomodar a minha mãe: o meu avô não a chamava pelo nome, antes se ele a chamava de “macaca” ou “rapariga preta” começou a se direcionar apenas fazendo algum gesto ou som que chamasse sua atenção.

Acredito que não exista experiência negra sem racismo, Acredito também que a raiva não vai passar, e o fato da tomada da consciência racial não vai amenizar a raiva, ela fica evidente quando a gente descobre que não é culpa

nossa, “o racismo não é um problema pessoal, mas um problema branco estrutural e institucional que pessoas negras experenciam”. (KILOMBA, 2019, pag. 204).

Minha mãe hoje aprendeu a não mais esbravejar e bater, porque a tornava ruim, briguenta. O que evidencia o estereótipo da “mulher negra raivosa”, como já citei antes, que é uma figura fantasiosa que reitera a violência provocada pelo racismo, pois simbolicamente abafa as vozes dessas mulheres, provocando silenciamento, como explica Grada Kilomba quando aborda a máscara de ferro utilizada no período colonial, colocada na boca dessas mulheres. Kilomba nos apresenta a máscara “que Anastácia era obrigada a usar” e era, sobretudo, “uma máscara de silenciamento” (KILOMBA, 2019, p. 33). O ato de tapar a boca que faz relação à posse e o silenciamento imposto às pessoas negras escravizadas, demonstrando as relações desses episódios com as opressões e preconceitos relacionados às pessoas negras nos dias atuais.

Minha mãe agora é tomada pelo mito da mulher forte. O mito da “mulher negra forte”, usado pela branquitude para reafirmar velhos estereótipos, aprisionando essas mulheres em uma representação que obstrui a manifestação de profundas feridas abertas pelo racismo (KILOMBA, 2019, p. 193). Segundo Kilomba, esse estereótipo de “super mulher” nega o reconhecimento das verdadeiras experiências de feminilidade negra, de maneira que o racismo cotidiano provoca o silenciamento das dores e emoções, desencadeando danos psicológicos. A negra forte, que trabalhava nos campos de fumo, nas casas de farinha, que trabalhou desde a infância, que aprendeu a reagir ao racismo com violência, hoje prefere não reagir. No fim, todos esses estereótipos, toda essa discriminação vivenciada acabou desencadeando diversos sentimentos indesejados, raiva, culpa, angústia, que a faz dizer a todo o momento que não gosta da sua cor. “Não gosto de falar sobre ódio. Não gosto de me lembrar da exclusão e da aversão, tão pesadas quanto a minha desejável morte, vistas nos olhos de tanta gente branca desde o instante em que passei a enxergar” (LORDE, 2019, p.185). Acredito que hoje minha mãe prefira o silêncio para não ter que reviver feridas.

A autora nos faz pensar como o trauma do racismo produz uma ferida, e como a máscara tornou-se como símbolo do colonialismo, das suas políticas perversas de conquista e dominação. Ressalta como se configura as manifestações cotidianas do racismo, como uma violência que é acumulada e que repercute um trauma do período colonial, uma violência que se atualiza. Kilomba conceitua o racismo cotidiano como uma experiência traumática, já que a ele estaria vinculado às três dimensões que definem o trauma: choque violento, separação, atemporalidade.

Além disso, problematiza o trauma do colonialismo. Afirma que “a ideia de “esquecer” o passado torna-se, de fato, inatingível, pois, cotidiana e abruptamente, como um choque alarmante, ficamos presas/os a cenas que evocam o passado, mas que, na verdade, é parte de um presente irracional. Para Kilomba, essa “configuração entre passado e presente é capaz de retratar a irracionalidade do racismo cotidiano” (KILOMBA, 2019, p. 213).

O racismo cotidiano argumenta a autora, é experimentado como um choque violento que de repente coloca o/a negro/a dentro de um cenário colonial, como o outro dentro de uma situação difícil de assimilar. Com uma intensa violência que causa um choque, uma experiência que insite em assombrar o eu. O segundo elemento do trauma é a separação. A metáfora de cortar, de ruptura, de perda da conexão com a sociedade que o sujeito negro sofre. Kilomba argumenta que

fomos e ainda somos privados do nosso elo com a sociedade, o que causa a sensação interna de perda. O terceiro elemento do trauma é a atemporalidade, onde a escravização e colonialismo podem ser vistos como coisas do passado, mas estão ligados ao presente. Se repetindo como uma “história assombrada” que insiste em perturbar as pessoas negras, colocando cenas de um passado colonial no presente.

Por isso, Kilomba se atenta às experiências individuais do racismo cotidiano, de forma que busca compreender a trajetória de vida das mulheres negras e seus traumas, seus medos, suas raivas. Como minha mãe, como minhas tias, como dona Leonor, como Lorde, como a própria Grada. É sobre a trajetória de diversas mulheres negras que em varias situações lhe foram negados espaços de poder, em diversos cenários de racismo cotidiano.

5. EMPONDERAMENTO

Como se pode observar, a mulher negra se encontra na base da sociedade, sendo oprimida no decorrer da sua vida e sofrendo violações em diferentes espaços, é essencial que os movimentos sociais de mulheres negras, a força e a luta de mulheres se reúnam em prol de discutir e alcançar a efetivação de direitos nos campos de gênero e raça, como aponta Audre Lorde. Além disso, é importante a atuação do feminismo, buscando fazer debates sobre as vivências das mulheres negras. O texto de Lorde nos convida a abraçar o potencial da raiva como forma de combater o racismo, o sexismo e a homofobia, pois as mulheres reagem ao racismo com raiva; e a raiva expressa e traduzida em ação para com os ideais feministas só pode resultar em empoderamento mútuo, porque a raiva também permite aprender sobre essas diferenças e reagir ao racismo de maneira criativa.

O emponderamento na perspectiva de Joice Berth (2019), não pode ser pensando se não for para a emancipação dos indivíduos e indivíduos em coletividade: “os oprimidos devem empoderar-se entre si e o que muitos e muitas podem fazer para contribuir para isso é semear o terreno para tornar o empoderamentofértil.”(BERTH, 2019, P.143)

O empoderamento é também uma forma de enfrentamento; quando uma mulher negra ocupa um espaço que lhe é negado, ela está impugnando a negação de direitos e reivindicando o seu acesso ao espaço. Essas ações manifestam a possibilidade de que mulheres negras tomem consciência da realidade em que vivem dos alcances e limites de suas próprias forças e a partir desses movimentos, possam adquirir experiências, propondo novos modelos de organização e luta. Segundo Berth, empoderamento é não só um termo conceitualizado, é algo que pode ser posto em prática, não para benefício de um indivíduo, mas para benefício de um coletivo, considerando o fato de estarmos inseridos em uma sociedade, logo ninguém se empodera sozinha.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre Trajetórias de pessoas negras e falar sobre transformação é verbalizar e compartilhar vivências. “Eu iria morrer cedo, tivesse falado ou não. Meus silêncios não tinham me protegido. Tampouco protegerá a vocês” (LORDE, 2019, p 52). Na perspectiva da transformação do silêncio em linguagem e ação trazido por Lorde, posso afirmar que o fato de eu estar aqui escrevendo essas palavras, já é uma tentativa de quebrar o silêncio que foi imposto à minha mãe e a tantas mulheres negras, assumindo minha responsabilidade de tentar reescrever a

minha história, a história de mulheres negras. A cor da nossa pele, da pele negra, coloca nós, mulheres, negras em um estado de desmerecimento social e moral, e faz com que soframos violência e humilhação.

Este texto só reforça as varias experiências que o racismo traz às mulheres negras, que num contexto histórico-social encontrou, e ainda encontra imposições e limitações para sua ação e representação na sociedade, invisibilidade e o silêncio fazem parte do processo. “Autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, principalmente, um entendimento sobre a sua condição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor.” (BERTH, 2018, p. 14) Esta tomada de consciência faz com que nós mulheres nos descubramos a partir de nós mesmas, e possibilita escrever nossas experiências: “somos eu, somos sujeito, somos quem descreve, somos quem narra, somos autoras/es e autoridade da nossa própria realidade [...] tornamo-nos sujeito” (KILOMBA, 2019, p. 238).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BERTH, Joice. Empoderamento. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 184 p. **(Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)**

FANON, Frantz. **(Pele negra, máscaras brancas)**. Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**. Anpocs, 1984.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências**. Ed. Belo horizonte: Autêntica, 2019 [1984].

ROSA, Susel Oliveira Da. “Não deixem a tinta coagular em suas canetas”: por uma escrita orgânica. *Sæculum* – **Revista de História**, v. 24, nº 41, p. 236-247, 2019.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, onde encontrei acalento nos dias de aflição, para que pudesse continuar o curso. A minha mãe, Josineide da Silva; ao meu pai, Severino Soares; e ao meu companheiro, Edivaldo Martins. Por todo apoio, por todo incentivo, por acreditarem em mim.

Agradeço também a todos os meus professores que contribuíram para a minha formação, em especial a minha orientadora Susel Rosa e ao professor Waldeci Ferreira, que me apresentaram leituras importantes para que eu pudesse entender questões que me deixavam angustiada, e que me ajudaram a me encontrar como uma mulher negra capaz de fazer reflexões sobre minha identidade, minhas origens e sobre a minha existência neste mundo.

Grata!